



ART BASEL

17–21 Jun, 2026
Estande G15

Messe Basel
Messeplatz 10
4058 Basel, Suíça

ALMEIDA & DALE

CHEN-KONG FANG
JOSÉ LEONILSON
RAYANA RAYO
TUNGA
VIVIAN CACCURI

Clique nos nomes dos artistas para navegar pelo preview

Art Basel in Basel 2026

17–21 Jun, 2026
Estande G15

Messe Basel
Messeplatz 10
4058 Basel, Suíça

ALMEIDA & DALE

ART BASEL

Para o setor Galleries da Art Basel, a Almeida & Dale apresenta uma visão do imaginário brasileiro em que espiritualidade, subconsciente, memória e experiência existencial entram em diálogo com a ciência, a numerologia, a música, a cultura, a percepção e a migração.

Entre tensões místicas e construções formais, a seleção revela um universo no qual sonho, erotismo e alquimia atravessam diferentes gerações da arte brasileira, revelando correspondências sensíveis que unem matéria, tempo e imaginação.

A tradição da pintura chinesa reinterpretada por Chen-Kong Fang e carregada de espiritualidade, a intimidade vulnerável de Leonilson, os cenários surreais de Rayana Rayo, o universo alquímico e erótico de Tunga e as investigações sensoriais e políticas de Vivian Caccuri compõem um ambiente imersivo, com obras raramente vistas na Europa. Esse conjunto é atravessado por uma profunda ideia de saudade, em que fantasia, experiência e desejo coexistem.

Chen-Kong Fang (Tung Cheng, China, 1931 – São Paulo, Brasil, 2012) estabeleceu um diálogo entre a sensibilidade da pintura clássica chinesa, sobretudo sua qualidade transcendental, e tradições pictóricas ocidentais, após imigrar para o Brasil na década de 50. Em suas obras, procurava captar as características imateriais das coisas, revelando aspectos misteriosos do âmbito visível.

A seleção de trabalhos de José Leonilson (Fortaleza, 1957 – São Paulo, 1993) volta-se aos últimos anos de sua curta vida, um período de densa intensidade pessoal e artística ao enfrentar os estágios tardios da AIDS. Em

pinturas, desenhos, bordados e esculturas, construiu um vocabulário de signos e símbolos carregados de intimidade, erotismo, fragilidade, desejo e mortalidade.

Rayana Rayo (1989, Recife) investiga experiências sensíveis e subjetivas por meio de cenários oníricos e uma paleta de cores sóbrias. Estruturas que aludem a paisagens, flora, fauna e outros seres materializam memórias, ao mesmo tempo que dialogam com a rica tradição artística pernambucana.

Tunga (Palmares, 1952 – Rio de Janeiro, 2016) criou um universo mitopoético singular ao longo de 40 anos de carreira. Rico em formas orgânicas e linguagem simbólica, seu trabalho cria narrativas imersivas que exploram temas como a transformação, a percepção e o subconsciente. Cada objeto é um limiar para uma lógica interna própria, que abrange o simbolismo sexual e uma noção metafísica do corpo.

Vivian Caccuri (1986, São Paulo) investiga as interseções entre som, percepção, política e tecnologia. Nos últimos anos, Caccuri incorporou dados científicos e ficção a suas investigações das mitologias que envolvem o mosquito e outros insetos, em uma reformulação das dimensões sonoras e simbólicas da impressão humana desses animais – e o papel que ocupam enquanto emissores de some vetores de doenças.



CHEN-KONG FANG



Tung Cheng, China, 1931 – São Paulo, SP, 2012

Chen Kong Fang nasceu em 1931 em Tung Cheng, na China, e migrou para o Brasil no início da década de 1950. Vivendo em São Paulo, o pintor absorveu referências dos estilos realista e naturalista da pintura local em suas paisagens, retratos e naturezas-mortas. Em suas obras, Fang elabora uma síntese original e experimental e, assim, homenageia a tradição da pintura chinesa, especialmente sua qualidade espiritual, ao passo que incorpora assuntos da tradição da pintura feita no Brasil.

Durante as décadas de maior atividade em sua carreira – entre os anos 1960 e 1980 – Fang participou de importantes coletivas em torno da produção de artista imigrantes em São Paulo, realizadas no MASP. Realizou exposições individuais no MAM São Paulo; Galeria Bonino, no Rio de Janeiro; e F. Konning Art Gallery, em Schleswig,

Alemanha. Exposições recentes incluem a individual *O refúgio*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo; e a coletiva *The Hong Kong Jockey Club Series: Picasso for Asia – A Conversation*, no M+ Museum, Hong Kong, que possui uma obra de Fang em seu acervo. Sua obra integra também os acervos do Museu de Arte Contemporânea da USP; Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre outros.



Sem título, 1985
Óleo sobre tela
100 x 120 cm
US\$ 80,000.00



Sem título, déc. 1970
Óleo sobre tela
46 x 55 cm
US\$ 40,000.00





Flores do campo, 1987
Óleo sobre tela
55 x 45.3 cm
US\$ 40,000.00



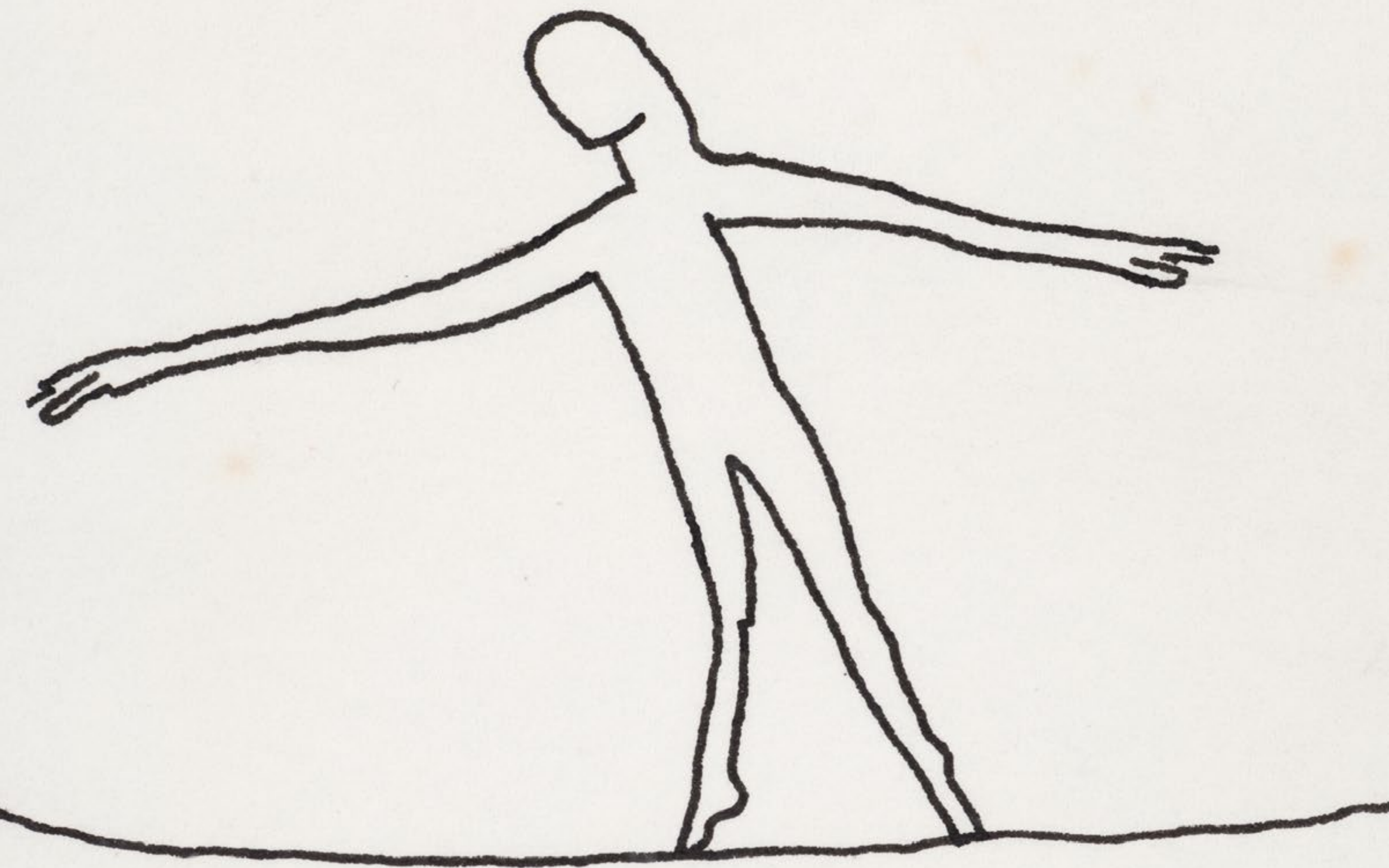
Sem título, déc. 1980
Óleo sobre tela sobre fibras de madeira prensada
24 x 18.3 cm
US\$ 20,000.00





Sem título, 1984
Óleo sobre tela
40 x 50 cm
US\$ 35,000.00

JOSÉ LEONILSON





1957, Fortaleza, Brasil – 1993, São Paulo, Brasil

Integrante destacado da Geração 80, Leonilson iniciou sua trajetória com pinturas de gestualidade vigorosa e cores intensas. Construiu um vocabulário próprio centrado em temas amorosos, homoeróticos e existenciais, dotados de dimensão tanto íntima quanto política. Em sua fase tardia, sua obra assume caráter mais contido e conceitual, incorporando palavras, cartografias do corpo e símbolos recorrentes. Após o diagnóstico de HIV em 1991, sua produção torna-se ainda mais íntima e delicada, recorrendo a costuras, bordados e formatos reduzidos, em trabalhos que evocam silêncio, vulnerabilidade e a exposição do próprio corpo, frequentemente oscilando entre confissão e ficção.

Recentemente, Leonilson realizou exposições individuais em instituições como: MASP, São Paulo; Museu Serralves, Porto; Malmö Konsthall, Malmö; KW Institute for

Contemporary Art, Berlim; e Almeida & Dale. Participou da célebre coletiva *Como vai você, geração 80?*, realizada no EAV Parque Lage, Rio de Janeiro (1984). Integrou a 13ª Bienal de Paris, França; 12ª Bienal de Istambul, Turquia; 52ª Bienal de Veneza, Itália; além de três edições da Bienal de São Paulo (1985, 1998 e 2010). Suas obras estão presentes em acervos do Centre Pompidou, França; Tate Modern, Reino Unido; Museo Nacional de Bellas Artes, Argentina; MoMA, EUA; e, no Brasil, MAM São Paulo, Instituto Inhotim; MAC USP e Pinacoteca de São Paulo.

[← Voltar para o menu de artistas](#)



Aladim e seu capitão, 1990
Tinta acrílica e tinta metálica sobre tela
151 x 75 cm
US\$ 350,000.00

ORA GAROTO,
INVENTE UM NOVO INGLÊS



MAIS UMA PONTE DE BARCAÇAS

VOCE ME PEDE PARA EU NÃO PENSAR

RAPIAZ BEM COMPORTADO

THE CAPTAIN OF MY HEART

NÃO NÃO NÃO



Fonte, o vazio, 1991

Tinta acrílica sobre lona recortada e colada sobre tela de voile

125 x 75.5 cm

US\$ 300,000.00

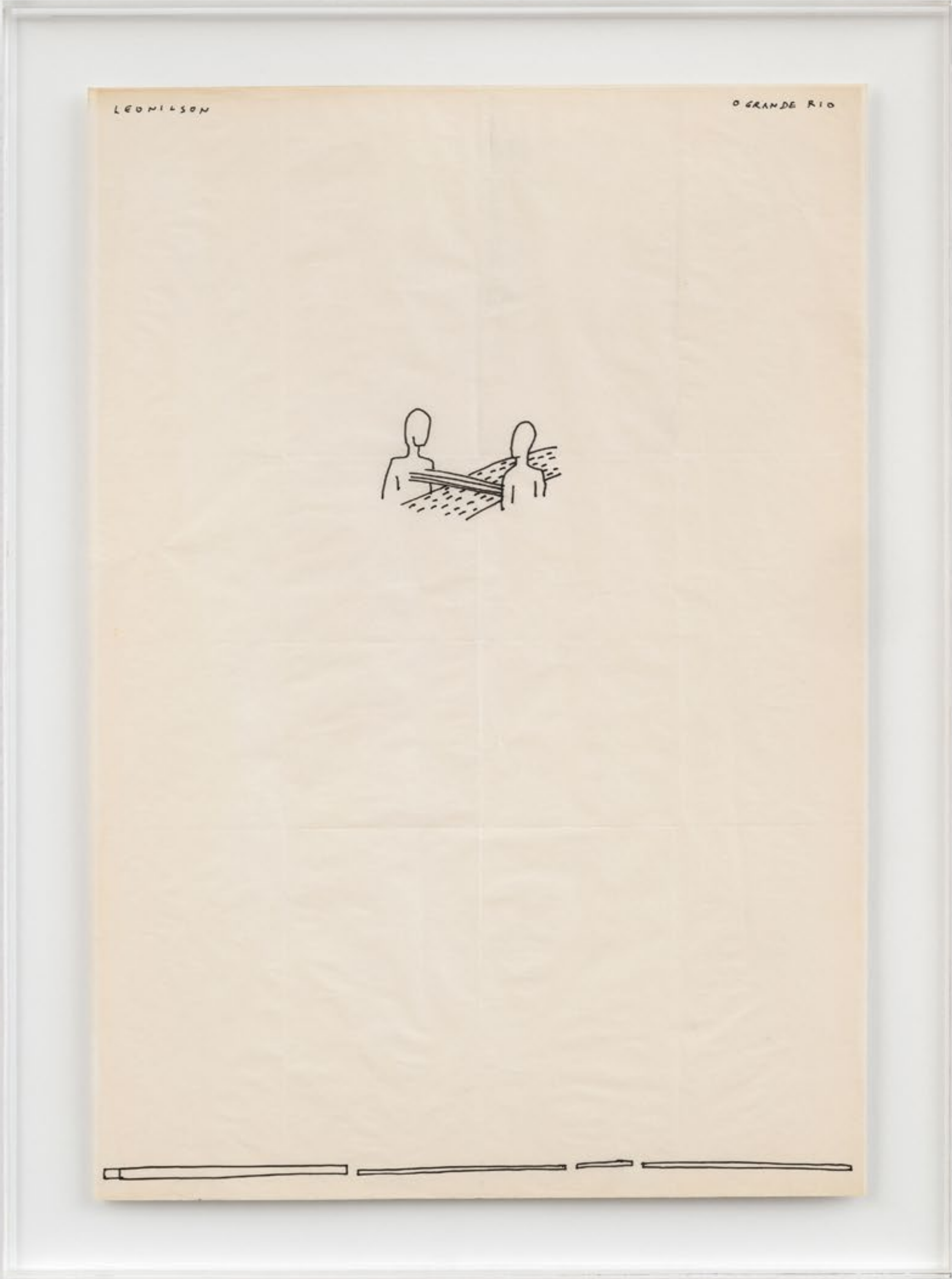


Solitário inconformado, 1992

Lápis de cor sobre papel

35 x 25 cm

US\$ 30,000.00



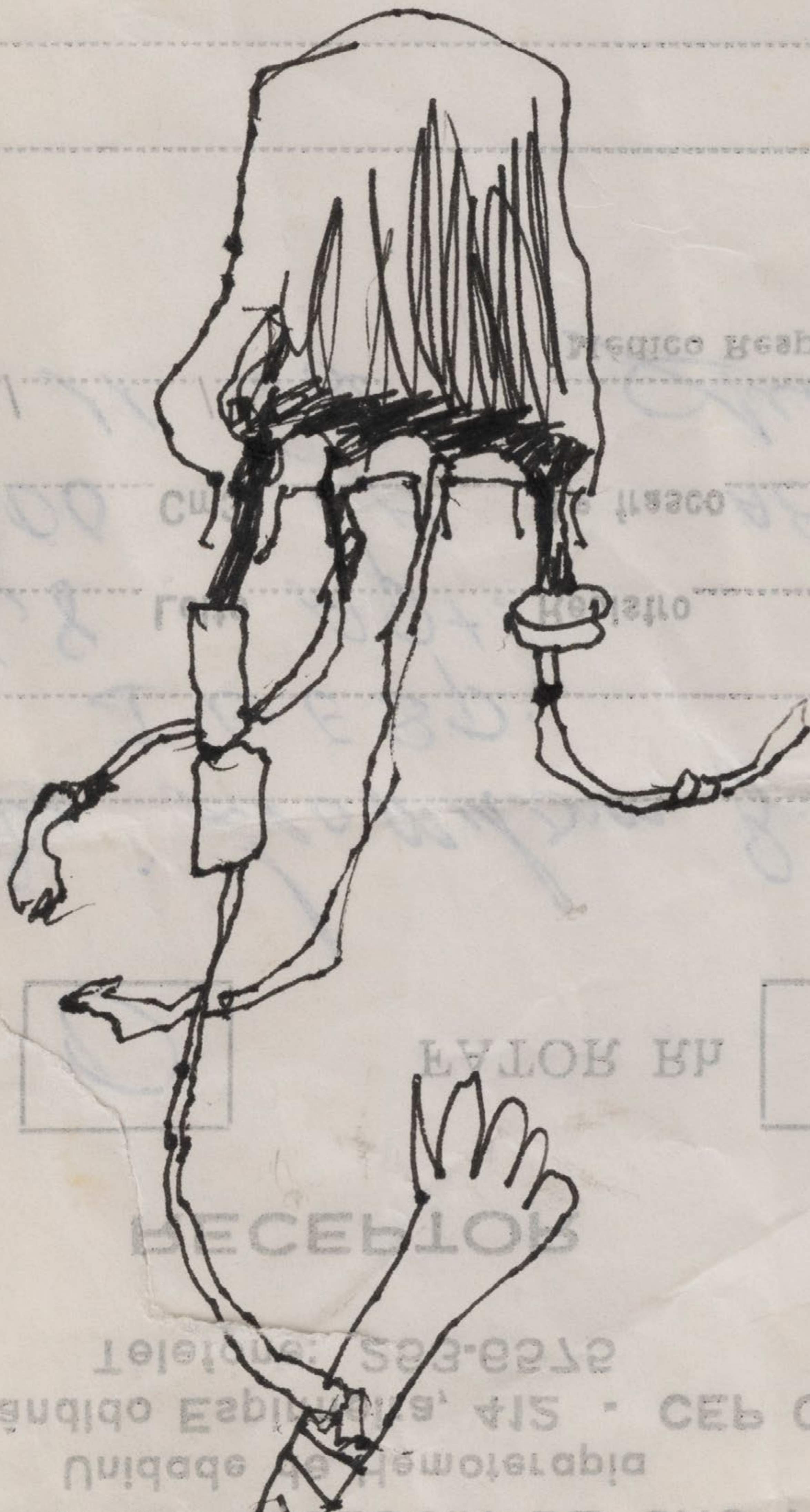
Leonilson - *O Grande Rio*, 1991
Tinta de caneta permanente sobre papel vegetal
50.5 x 30.3 cm
US\$ 30,000.00



Sem título, 1992
Tinta acrílica e linha sobre lona
93.5 x 55 cm
US\$ 180,000.00



Sem título, 1992
Caneta hidrográfica sobre papel
12.7 x 9.7 cm
US\$ 30,000.00

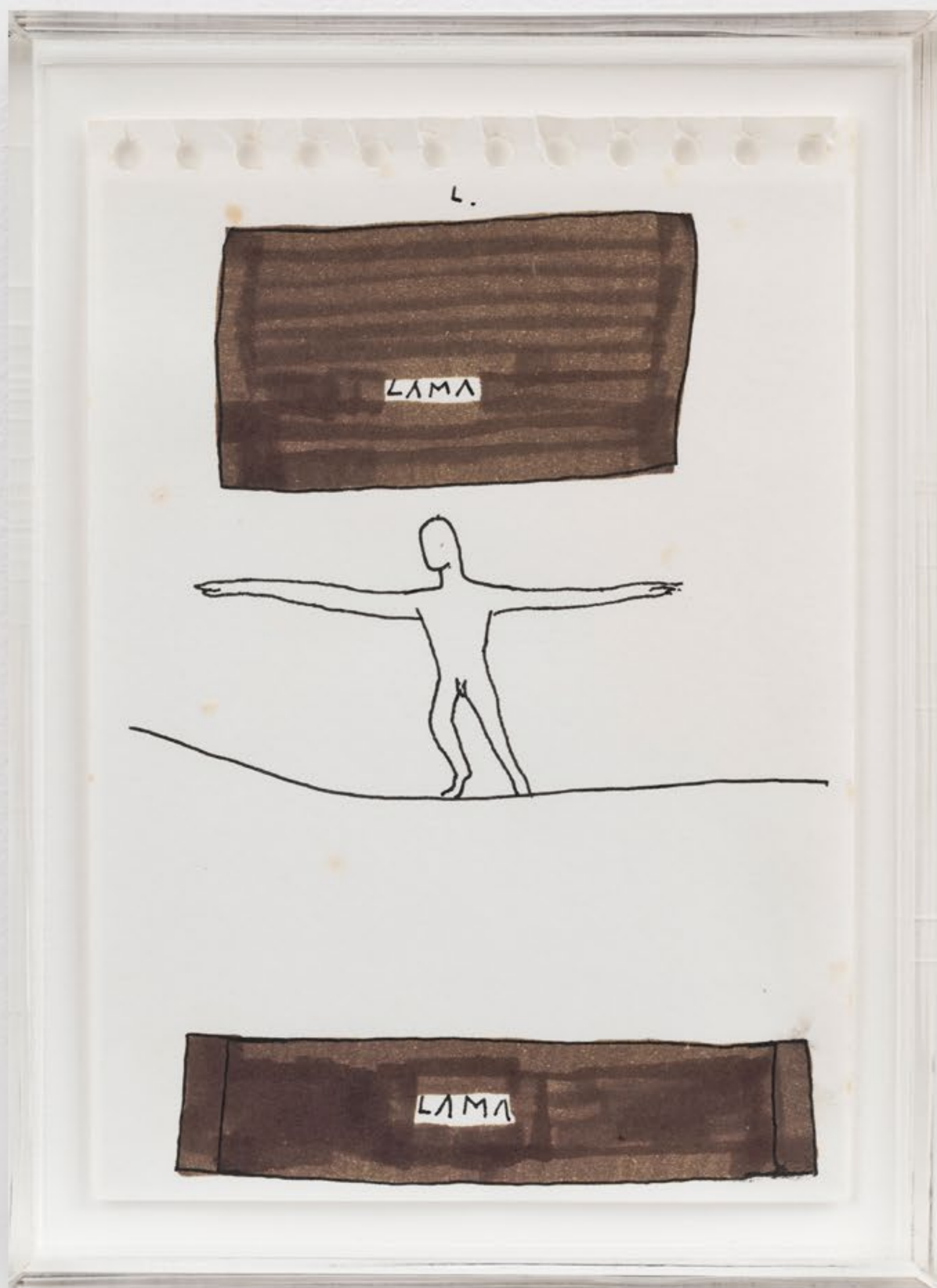




O imperfeito, 1993
Linha sobre tecidos
155 x 97 cm
US\$ 400,000.00



Sem título, 1993
Caneta permanente e hidrográfica sobre papel
15 x 10.5 cm
US\$ 30,000.00



Sem título, 1993

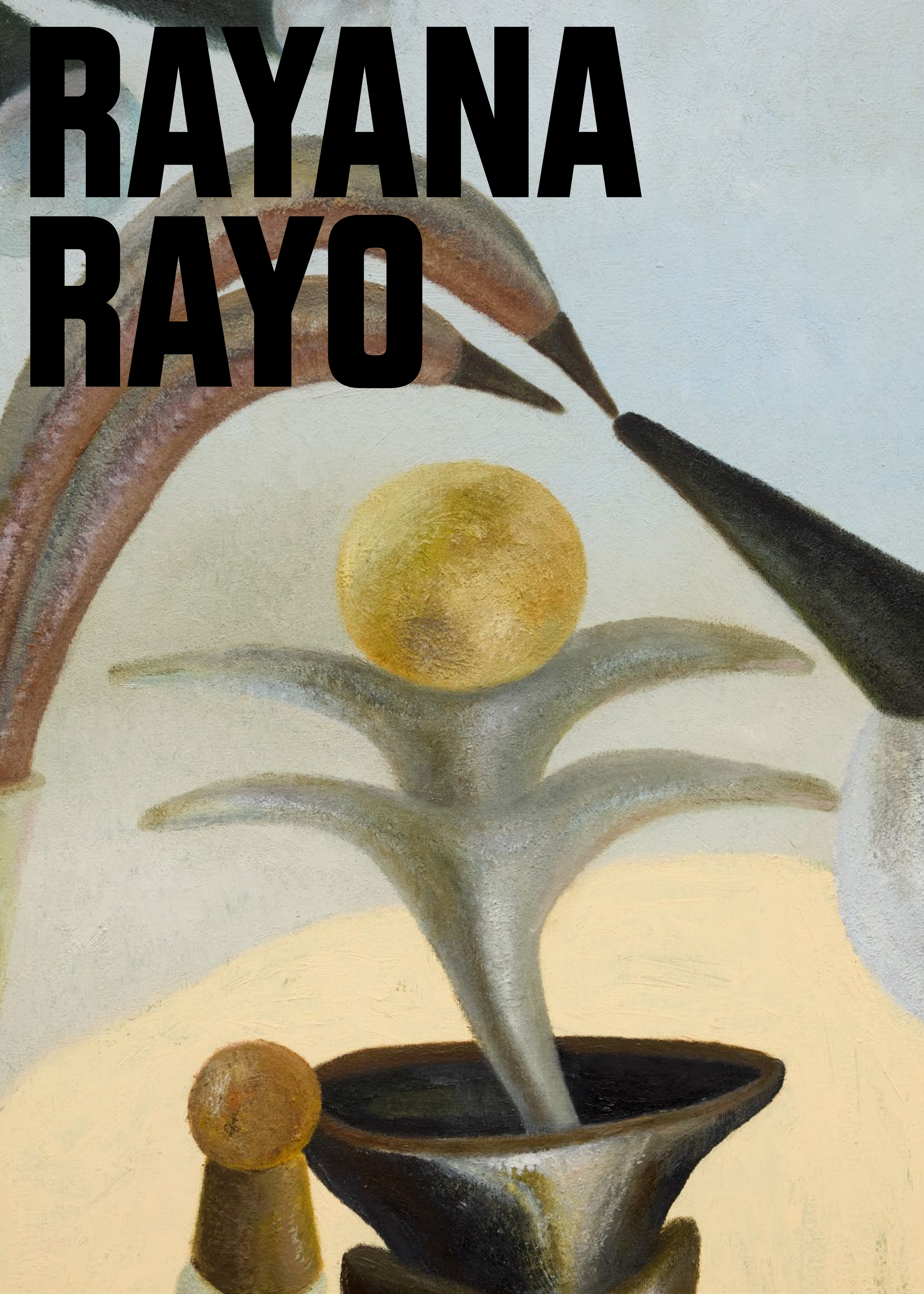
Caneta permanente e hidrográfica sobre papel

15 x 10.5 cm

US\$ 30,000.00



Os pensamentos do coração - miniatura, 1988
Caneta permanente e hidrográfica sobre papel
8.4 x 10 cm
US\$ 40,000.00



RAYANA RAYO



1989, Recife, PE, Brasil

As pinturas de Rayana Rayo evocam paisagens ou organismos vegetais, que constituem um bioma próprio, respondendo a experiências sensíveis e a elaborações subjetivas. Para a artista, a pintura se afirma como um instrumento de materialização de memórias, desejos e experiências cotidianas, ao mesmo tempo em que estabelece diálogo com a tradição artística pernambucana.

Rayo passou a se dedicar à pintura em 2015 e, em junho desse ano, abre sua primeira individual na Almeida & Dale, em São Paulo, Brasil. Desde então, teve exposições individuais na Travesía Cuatro, Guadalajara, México (2025); Marco Zero, Recife, Brasil (2025); Casa Criatura, Olinda, Brasil (2019); e Casa Vândala, Fortaleza, Brasil (2018). Além de ter participado de exposições coletivas como *Naturaleza Architecta*, no Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (2026), *África*, *Expressões Artísticas de um Continente*,

MON, Curitiba, Brasil (2025); *A terra, o fogo, a água e os ventos - Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2025) – ocasião na qual realizou a residência artística promovida pela Édouard Glissant Art Fund, na Martinica –; *Invenção dos reinos*, Oficina Francisco Brennand, Recife (2023); e *Solar nascente*, Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro (2022), entre outras. Sua obra integra o acervo da Pinacoteca de São Paulo e do REC Cultural, em Recife.

[← Voltar para o menu de artistas](#)



As vezes do topo 3, 2026
Óleo sobre tela
122 x 88 cm
US\$ 16,000.00



As vezes do topo 4, 2026
Óleo sobre tela
122 x 88 cm
US\$ 16,000.00

TUNGA





1952, Palmares, PE, Brasil – 2016, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

A prática de Tunga move-se entre as mais diversas disciplinas, como escultura, desenho, performance, instalação, poesia e vídeo, transgredindo linhas fronteiriças não apenas no âmbito da expressão artística, mas também em relação a outras práticas humanas, desde a ciência e a alquimia até os ritos ancestrais.

Tunga teve exposições individuais em inúmeras instituições ao redor do mundo, das quais, destacam-se: MALBA, Argentina; MAM São Paulo; MASP, Brasil; MoMA PS1, EUA; Musée du Louvre, França; Pinacoteca de São Paulo, Brasil; CCBB, Brasil; Centro Cultural Recoleta, Argentina; Instituto Tomie Ohtake, Brasil; Itaú Cultural, Brasil; Château La Coste, França; além de galerias como Lisson Gallery; Inglaterra; Millan, São Paulo; Luhring Augustine, EUA; Whitechapel Gallery, Inglaterra. Participou de exposições históricas, como documenta X, Kassel,

Alemanha (1997); 41ª Bienal de Veneza, Itália (1982), de diversas edições da Bienal de São Paulo, Bienal de Havana e Bienal do Mercosul, além de coletivas em instituições como MOCA Los Angeles, EUA (2025), Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Espanha (2022, 2001) e Guggenheim Museum, EUA (2001).

Seu trabalho integra importantes coleções, entre elas: Cisneros Fontanals Art Foundation, EUA; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Espanha; MAM São Paulo, Brasil; MOCA Los Angeles, EUA; MoMA, EUA; Pérez Art Museum Miami, USA; Pinacoteca de São Paulo, Brasil; Guggenheim, EUA; Tate Modern, Inglaterra.

[← Voltar para o menu de artistas](#)



Lezart, 1989/2012

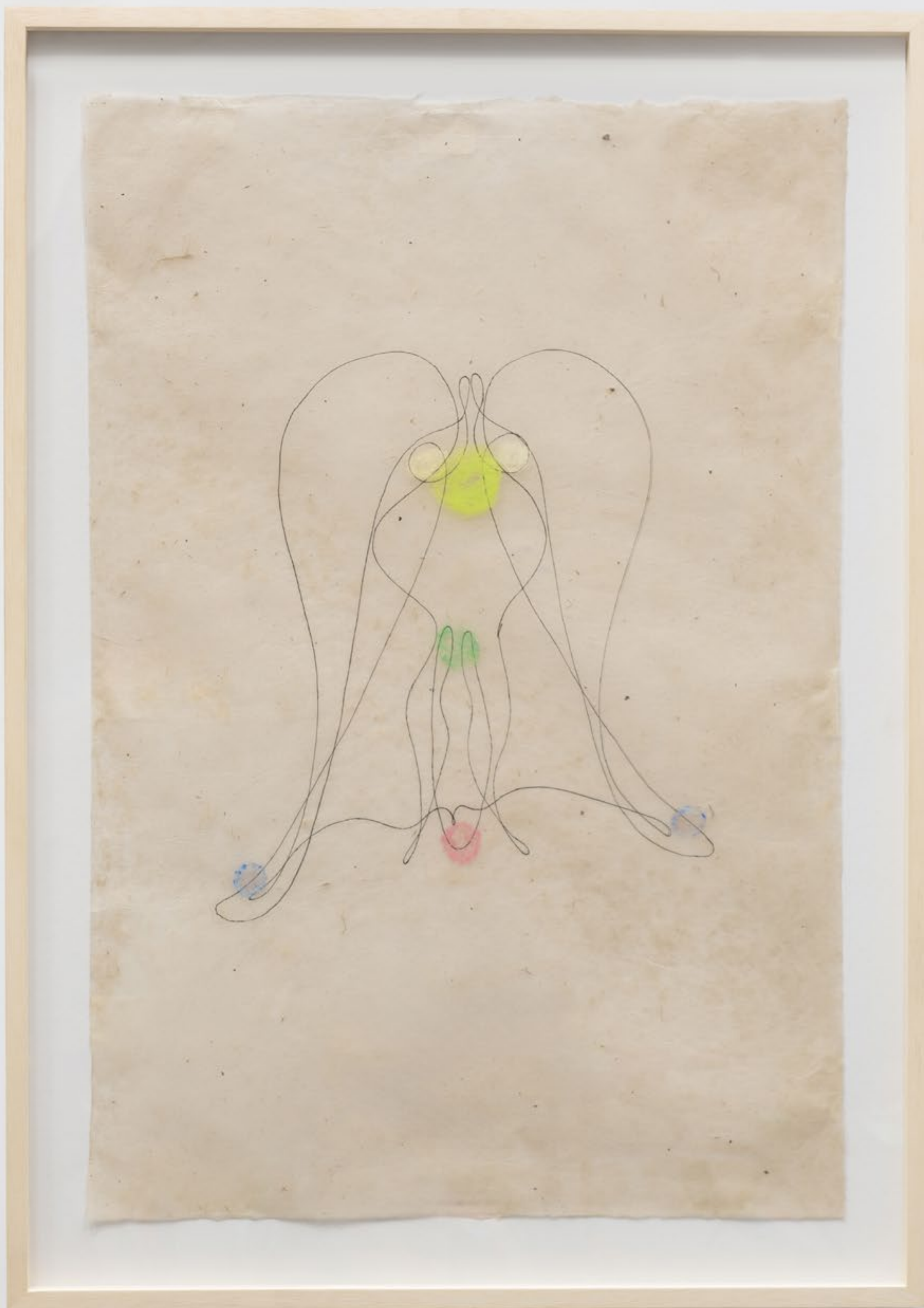
Aço, cobre, ferro, fio de cobre e imã

83 x 79 x 44 cm (32 ½ x 31 x 17 ½ in)

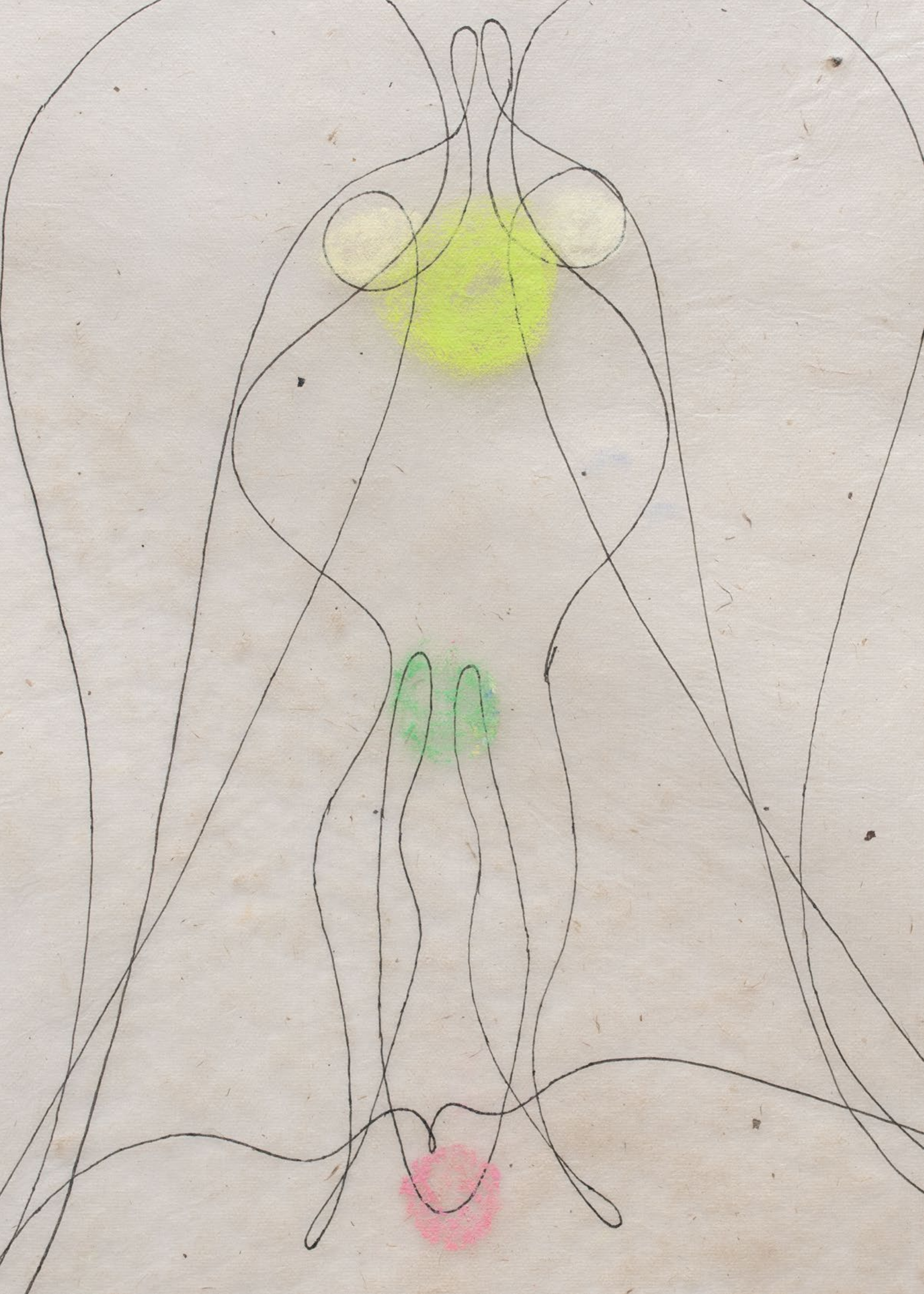
US\$ 400,000.00

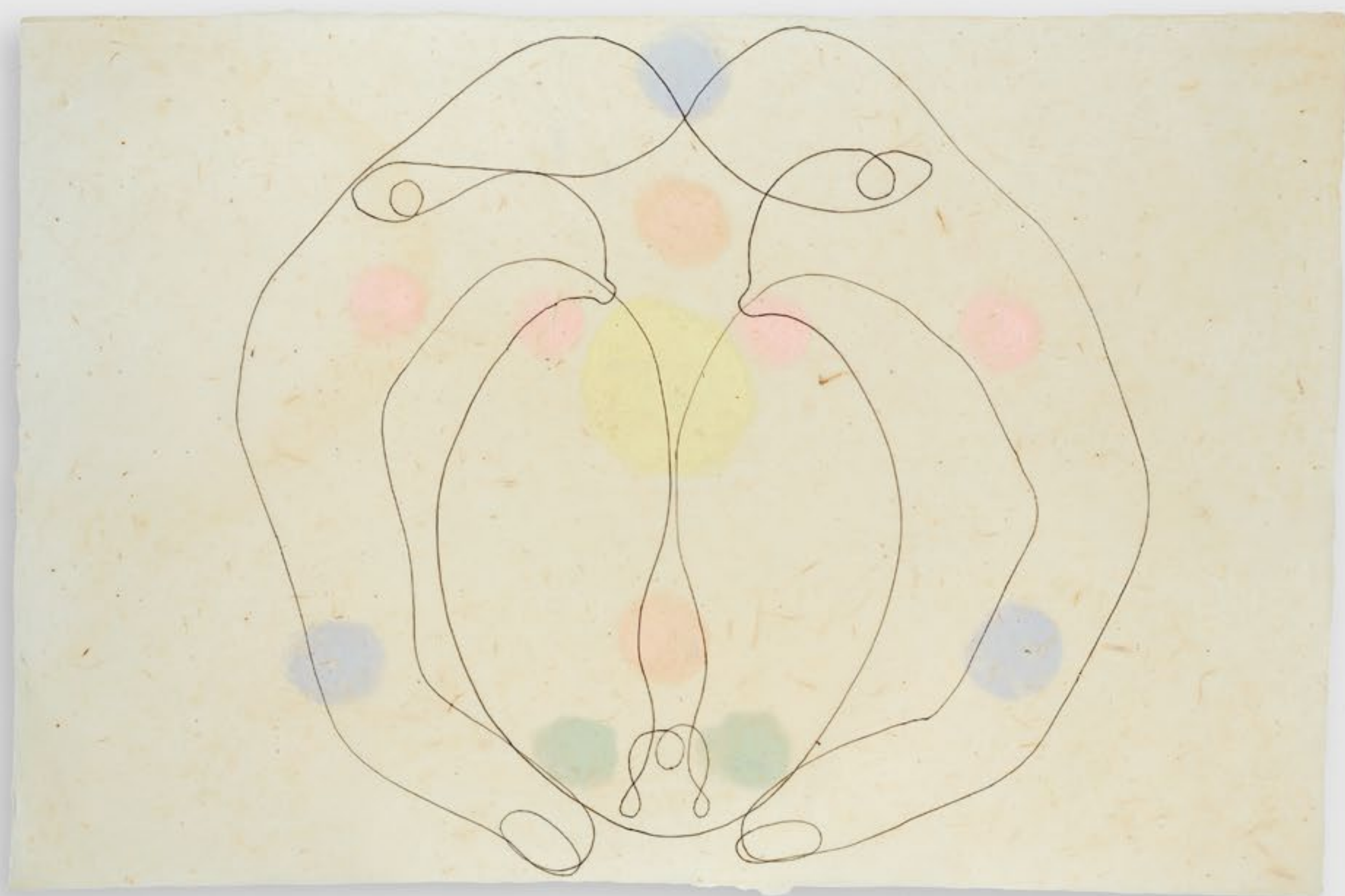


Sem título, 2008-2012
Borracha de silicone, esponja marinha tingida e ferro
38 x 20 x 23 cm
US\$ 120,000.00

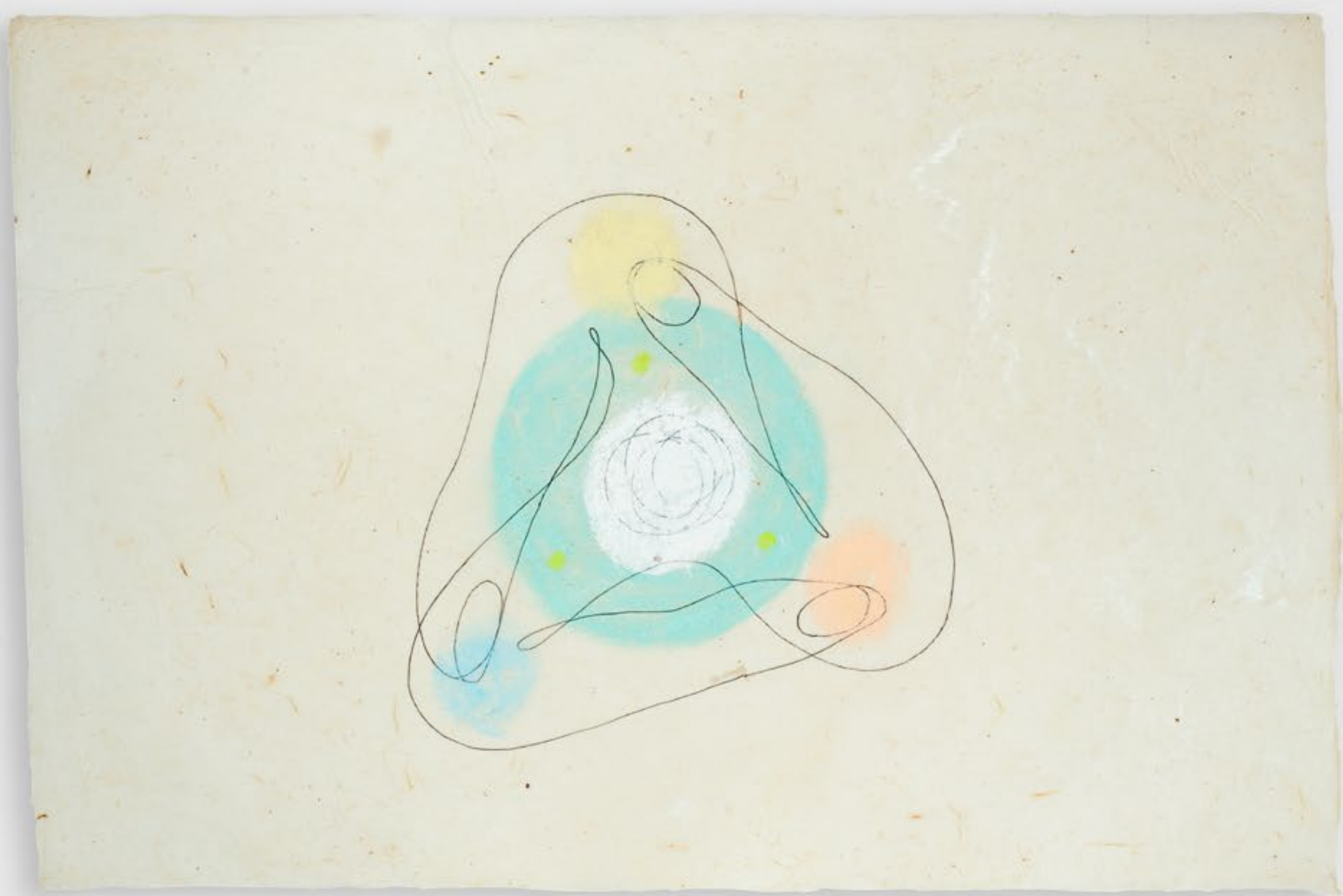


Sem título, da série “*From ‘La Voie Humide’*”, 2010-2015
 Caneta hidrográfica e pastel seco sobre papel Nepal
 78 x 52 cm
 US\$ 30,000.00

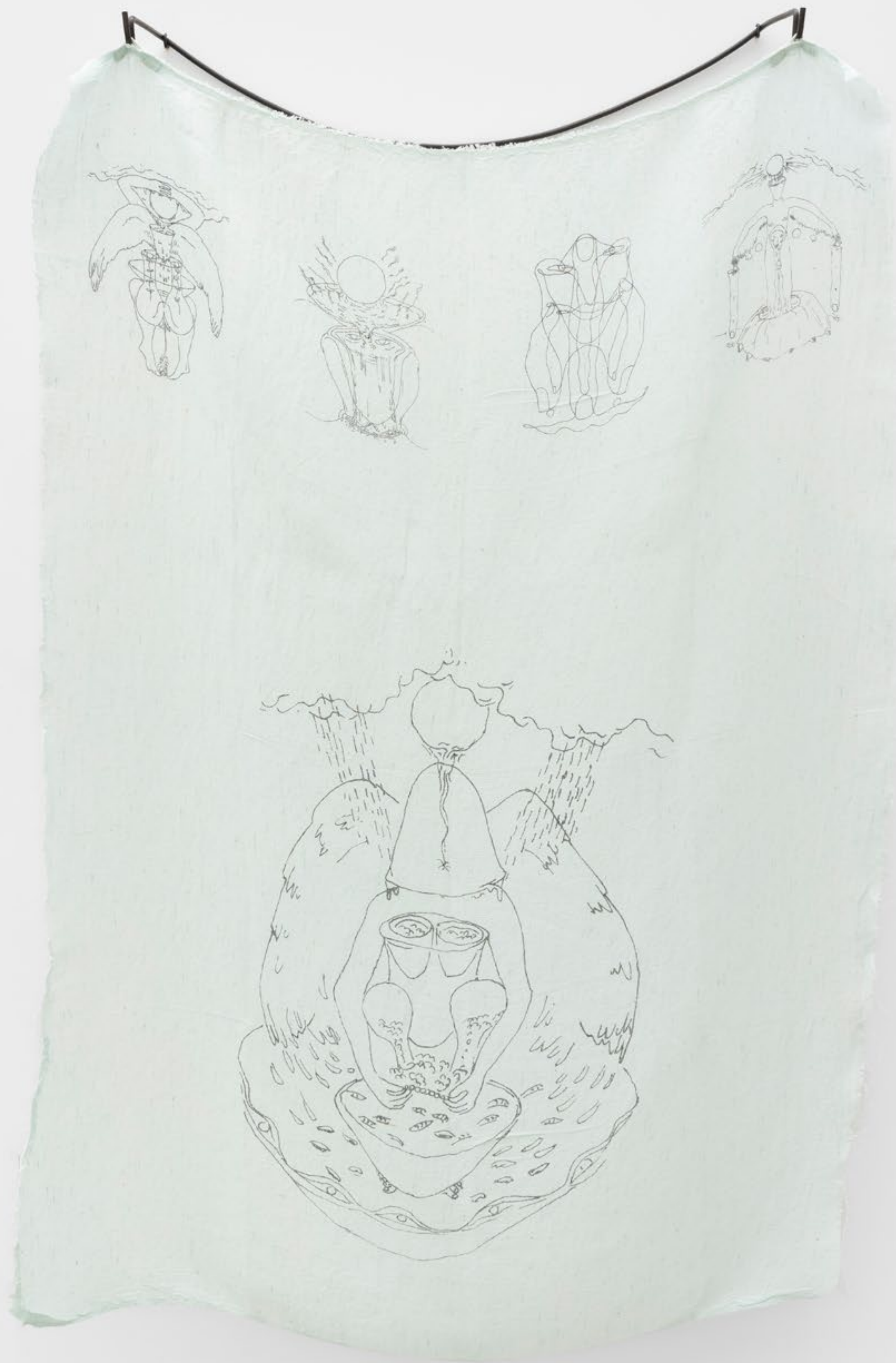




Sem título, da série “*From ‘La Voie Humide’*”, 2011-2016
Caneta hidrográfica e pastel seco sobre papel Nepal
50 x 75 cm
US\$ 30,000.00



Sem título, da série “*From ‘La Voie Humide’*”, 2011-2016
Caneta hidrográfica e pastel seco sobre papel Nepal
50.5 x 76 cm
US\$ 30,000.00



Ventos, da série “From ‘La Voie Humide’”, 2014
Serigrafia sobre linho e ferro
150 x 94 x 19 cm
US\$ 80,000.00

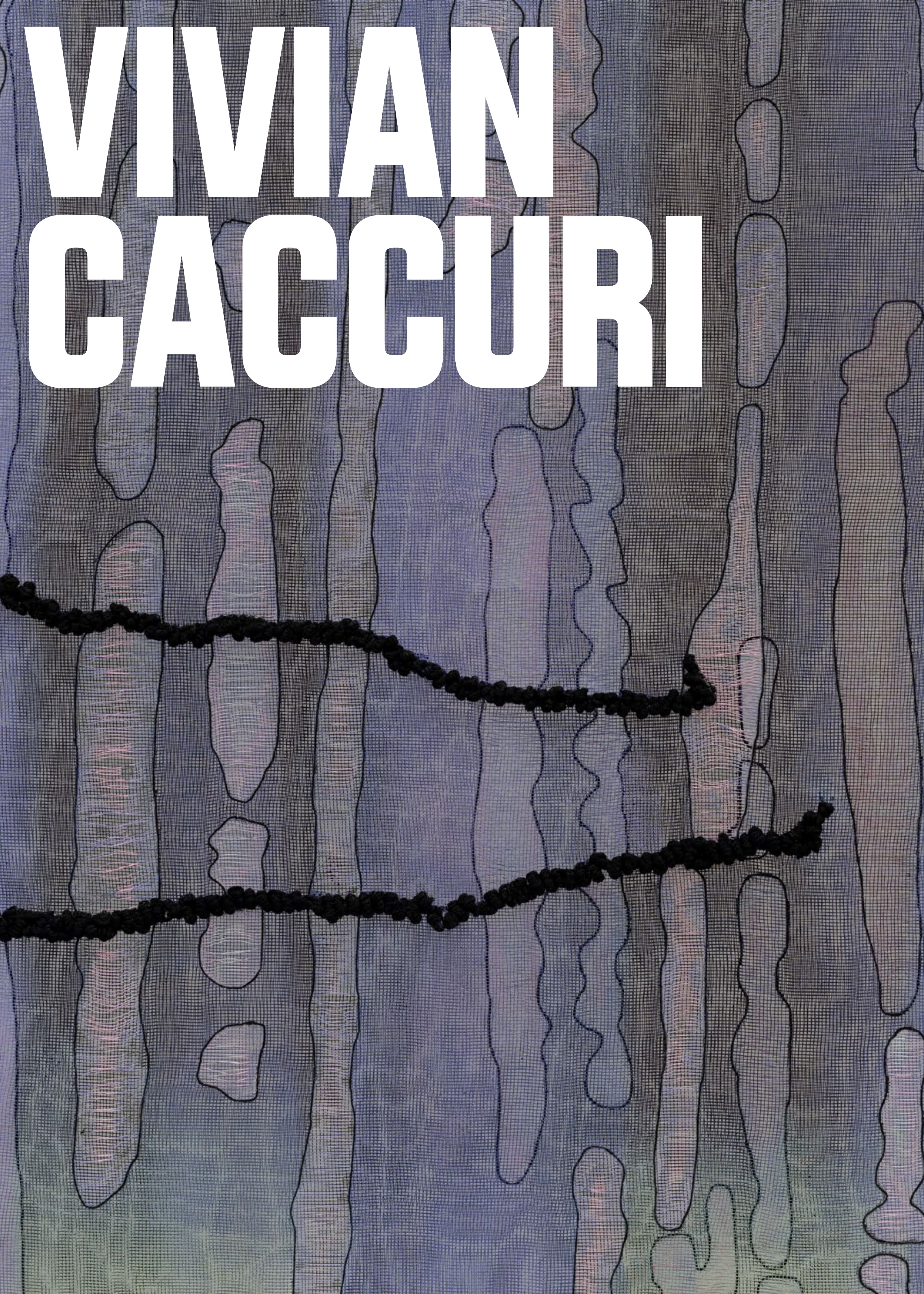


Love Me Knot, 2007

Alumínio, cabo de aço revestido de poliamida, latão e resina epóxi

115 x 40 x 30 cm

Preço sob consulta



VIVIAN CACCURI



1986, São Paulo, Brazil

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Vivian Caccuri investiga culturas musicais e produções sonoras em sentido amplo, propondo experimentos com o som que ultrapassam o campo auditivo e abarcam o visual, o corpóreo e o tecnológico. Seus objetos, esculturas, instalações e performances desorientam a experiência cotidiana e interrompem percepções sedimentadas na cultura e nas estruturas cognitivas.

Em séries recentes, Caccuri sobrepõe ciência e ficção ao investigar a relação humana com mosquitos e outros insetos e, assim, reconta e atualiza histórias que descrevem a aversão humana a esses animais, tanto como agente epidêmico quanto pelas suas emissões sonoras.

Caccuri realizou individuais no CCBB, São Paulo, Brasil (2026); Mattress Factory, Pittsburgh, EUA (2025); Galeria Municipal do Porto, Portugal (2024); HUA International, China (2024); Millan, São Paulo (2024) e New

Museum, EUA (2022). Também participou de exposições coletivas em instituições como Museum of Contemporary Art – MOCA, Tucson, EUA (2025); Museo Jumex, México (2024); Neuer Kunstverein, Áustria (2024); Kunsthall Trondheim, Noruega (2023); MASP, São Paulo (2024, 2022); além de edições da Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2022, 2018); 32ª Bienal de São Paulo (2016); e 33º Panorama da Arte Brasileira, MAM, São Paulo (2013). As obras de Caccuri integram acervos como o do Institute of Contemporary Art – ICA, EUA; Museu de Arte do Rio – MAR, Brasil; e Pinacoteca de São Paulo, Brasil.

[← Voltar para o menu de artistas](#)



Murmur Blue, 2026

Tela mosquiteiro, algodão, acrílica, aço inox e latão

140 x 181 x 3.5 cm

US\$ 28,000.00

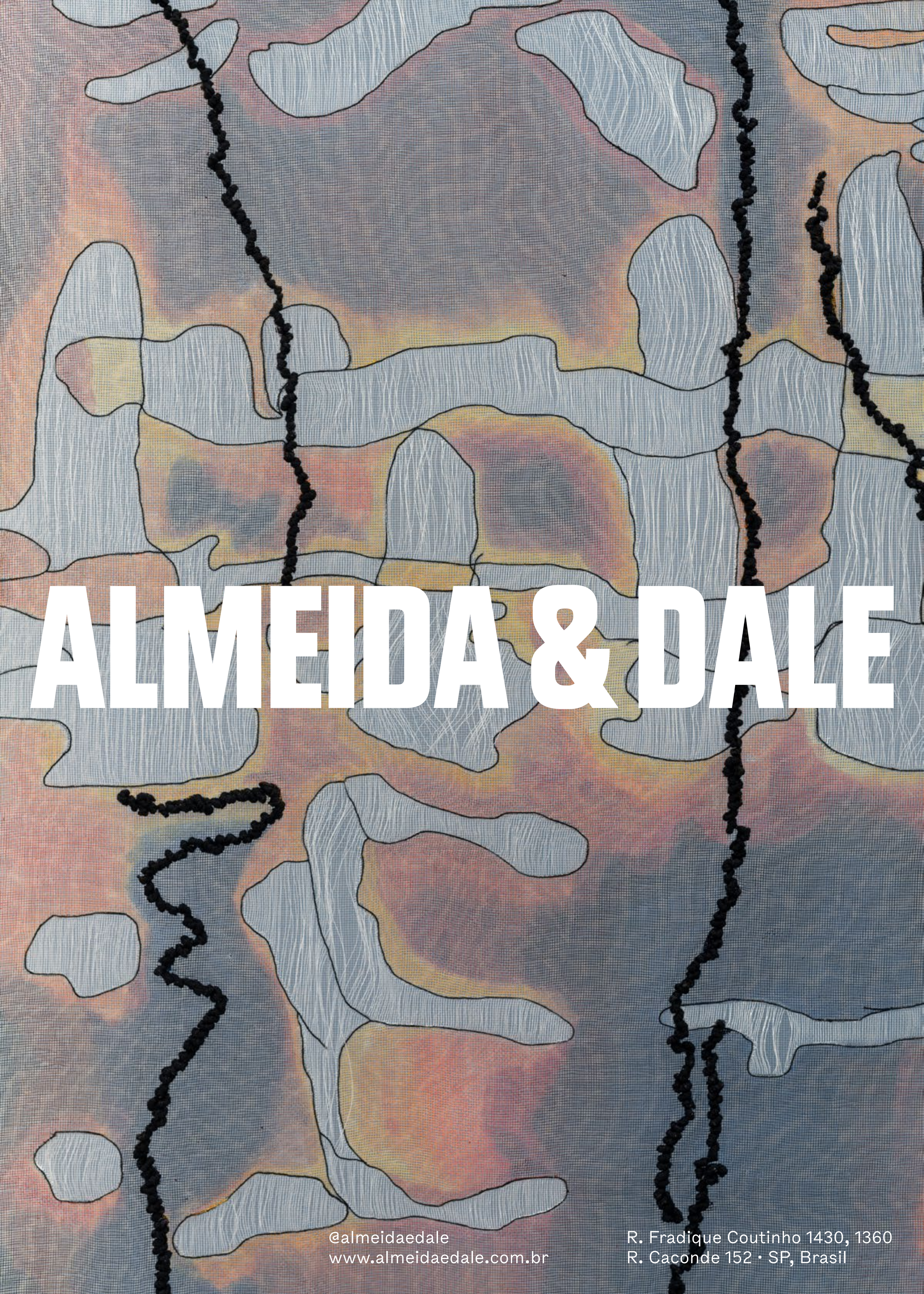


Expanded Moaning, 2026

Tela mosquiteiro, algodão, acrílica, aço inox e latão

183 x 137 x 3.5 cm (72 x 54 x 1 ½ in)

US\$ 28,000.00



ALMEIDA & DALE

@almeidaedale
www.almeidaedale.com.br

R. Fradique Coutinho 1430, 1360
R. Caconde 152 • SP, Brasil